



ELKE HERRING METAMORFOSSES

03 ROMPER PARA CONSTRUIR

Marcelo Collaço Paulo

***AD AETERNUM: ELKE HERING* TRAÇO COR VOLUME**

Rafaela Hering Bell

05

06 CAIXA DE BOAS SURPRESAS

Denise Mattar

OBRAS 27

104 BREVE BIOGRAFIA

EQUIPE TÉCNICA 105

ROMPER PARA CONSTRUIR

Marcelo Collaço Paulo

Gostaria de ter conhecido Elke Hering (1940-1994), essa maravilhosa artista.

Tive contato com sua arte inicialmente nos anos 1970, algumas obras suas que circulavam na Capital e posteriormente com outras expostas em lugares públicos. Conheci seus cristais e seus bronzes, mas pouco sabia sobre sua vida.

Viver em Blumenau nos anos 1960, cidade tradicional, aguça a curiosidade. Como uma jovem de 17 anos, se lança nas artes, numa cruzada em busca de respostas, num mundo contemporâneo que está por vir? Longe de todos, menos na sua mente inquieta.

Conheci Elke, mais profundamente, através dos seus filhos Pedro e Rafaela. Ela me colocou em contato com a produção da sua mãe de uma forma mais ampla. Suas influências, seus treinamentos e principalmente a exuberância da sua obra. Pude observar o conjunto, tocar nas peças, sentir o bronze, a pátina, penetrar nos cristais, captar o movimento dos seus desenhos.

Confesso que fiquei fascinado com o que estava sendo exposto. Como colecionador ávido por ter o maior número de peças ao meu redor. Olhava aqueles cristais que não eram bonecos ou vasos, mas sim mulheres poderosas que se contorciam em êxtase para expressar a força feminina deste furacão chamado Elke. Ela foi tudo e muito mais, trouxe um sopro de modernidade que se transformou numa avalanche de criações que nos despertou para uma arte universal.

Tal qual sua arte, pautou sua vida, sempre para frente, rompendo, como uma amazona que trilha seu

caminho com valentia e determinação. Tento interpretar o que ela quis dizer, talvez jamais alcance, sempre são novas descobertas que dominam nossos sentimentos e levam a outros patamares.

Sou um grande admirador da sua arte.

A exposição no Instituto Collaço Paulo, com um grande número de obras da Elke, deu uma ideia da grandiosidade desta artista e demonstrou como ela produziu uma obra sólida e consistente para o futuro.

Elke criou suas obras com uma mensagem, “vamos além” e ela clama que escutemos a sua voz. Romper para construir.

AD AETERNUM: ELKE HERING TRAÇO COR VOLUME

Rafaela Hering Bell

Quando Marcelo Collaço Paulo entrou em contato sobre a iniciativa de se criar uma coleção das obras de minha mãe, a artista Elke Hering, fiquei muito feliz, pois senti que seria uma excelente forma de manter (conservar) e divulgar (compartilhar) sua arte e suas memórias. Foram alguns anos procurando e adquirindo obras, traços, cores e volumes de todas as fases de Elke e muito relevantes. Sem dúvida, para mim, uma forma de entrar ainda mais profundamente em contato com a produção de minha mãe, e tantas pessoas que abrigaram sua arte e se dispuseram a se desfazer delas para que elas habitassem agora e no futuro a Coleção Collaço Paulo.

Entre desenhos iniciais do momento em que viveu na Alemanha, pinturas, esculturas em ferro, plavínil, bronze, até chegar na última fase, os cristais. No Instituto Collaço Paulo uma bela retrospectiva póstuma que reúne 75 obras, e que poderá ser também exibida muitas vezes e em diversos locais *ad aeternum*. Também muito importante é o núcleo de pesquisa e de arte educação que a instituição promove. Esse alcançar de crianças, adolescentes e amplo público cria o tão necessário acesso à arte de qualidade e quando existe fácil acesso, existe doce partilha, pois o alvo de todo artista é o coração.

CAIXA DE BOAS SURPRESAS

Denise Mattar

Conheci os colecionadores Jeanine e Marcelo Collaço Paulo quando fiz a curadoria da exposição “Eliseu Visconti – 150 Anos”, realizada para a Galeria Almeida e Dale, de São Paulo, em 2016. Eu queria apresentar a obra “Raios de Sol”, do início da década de 1930, uma pintura retratando a casa do artista em Teresópolis (RJ), envolta numa atmosfera etérea e carinhosa. Descobri que o trabalho era dos Collaço, solicitei o empréstimo e fui prontamente atendida. Nessa ocasião, tive uma longa conversa com Marcelo na qual falamos sobre muitos artistas: o próprio Visconti (1866-1944), Georgina de Albuquerque (1885-1962), Rodrigo de Haro (1939-2021) e Elke Hering (1940-1994). Sete anos depois, com prazer, recebi o convite para realizar a exposição da artista no Instituto Collaço Paulo – Centro de Arte e Educação, em Florianópolis (SC), a partir da Coleção Collaço Paulo. Muito particular, a coleção tem foco na pouco reconhecida arte do século 19, e também na produção artística catarinense, que, igualmente, está a merecer maior divulgação nacional. O acervo é, assim, uma caixa de boas surpresas para um curador, deixando entrever novas possibilidades de entendimento da historiografia da arte brasileira.

No caso de Elke Hering, a coleção foi construída ao longo de anos, por Marcelo, com o acompanhamento de Rafaela Bell, filha da artista. O conjunto contempla todas as fases da sua obra, proporcionando um amplo material para a curadoria. Tive grande parte do trabalho facilitado pela pesquisa já desenvolvida por Daiana Schwartz, que se dedica há alguns anos a estudar a artista. Sua consultoria foi de imensa importância para a realização da exposição.

Fiquei bastante impressionada com o profissionalismo do Instituto Collaço Paulo e com o lugar que ele já ocupa nas atividades culturais de Florianópolis, tendo inaugurado há tão pouco tempo. É uma demonstração da importância do papel das instituições culturais que conseguem manter uma programação constante e de qualidade. Entretanto, devo observar, que conheço poucos espaços construídos pela generosidade de um particular, e não de uma empresa, ou órgão governamental. Não por acaso o Instituto Collaço Paulo recebeu em 2023 o prêmio Destaque

Nacional – Região Sul, e sua curadora Francine Goudel, o prêmio Gilda de Mello e Souza, ambos da Associação Brasileira dos Críticos de Arte (ABCA).

Agradeço aos colecionadores Jeanine e Marcelo o convite para realizar a exposição, à Rafaela Bell pela disponibilização de seus arquivos documentais, à Daiana Schwartz por sua generosidade, à designer gráfica Ana Lucas Facchina e ao cenógrafo Guilherme Isnard - meus parceiros de sempre. E, principalmente, à supereficiente equipe do Instituto constituída por Cristina Maria Dalla Nora, Francine Goudel, Joana Amarante, Julia Heidmann e Néri Pedroso.

Encontro no filme “Prata Palomares”

Conheci Elke Hering em 1970 durante as filmagens de “Prata Palomares”, em Florianópolis. Apesar de jovem, eu era, na ocasião, assistente da cenógrafa e figurinista Lina Bo Bardi (1885-1962). O filme pretendia ser revolucionário, um libelo contra a ditadura e seria originalmente uma

produção do Teatro Oficina. O núcleo duro do emblemático teatro era constituído por José Celso Martinez Corrêa (1937-2023), Renato Borghi e Ítala Nandi, que, naquele momento, estava casada com André Faria, idealizador e diretor da película. Na prática, a proposta revelou-se bastante complicada pois André queria fazer um filme realista e Zé Celso um filme alegórico. Na trama os atores Renato Borghi e Carlos Gregório eram dois revolucionários que, fugindo da repressão, chegavam a uma ilha dominada pela “Família de Branco”, que representava o poder fascista. O filme era extremamente violento, tinha cenas de tortura e rios de sangue. Receber um convite do Teatro Oficina para participar de uma filmagem como atriz, certamente foi irrecusável para Elke, mas ela, aliás como toda a equipe, não sabia exatamente o que a esperava... Seu papel era o da jovem senhora da família opressora, e, linda, ativa e elegante, como era esperado de seu personagem, ela fez sua parte - mas não gostou muito do que viu. “Prata Palomares” foi tão conflituado que marcou a dissolução

do trio do Teatro Oficina e quando ficou pronto, dois anos depois, foi proibido em todo o território nacional, assim permanecendo por mais de dez anos¹.

Reencontrei Elke no Rio de Janeiro, em 1972. Eu trabalhava então com Franco Terranova (1923-2013), na Petite Galerie, e ela foi uma das artistas escolhidas para realizar um múltiplo para a galeria. Foi um momento interessante que será detalhado mais adiante. Depois de alguns anos sem vê-la, nos encontramos novamente em São Paulo, na Escola Nova, uma escola de joalheria dirigida por mim, Ricardo Mattar e Marco Duailibi. Elke e Duailibi ficaram amigos e ele criou joias belíssimas com seus cristais.

Desde o momento em que a conheci, fiquei fascinada por sua beleza misteriosa, permeada por uma dualidade que só compreendi no processo de pesquisa dessa exposição. Por coincidência - ou não - tive a oportu-

1. Creio que Elke deve ter ficado aliviada quando o filme foi proibido. As cenas das quais participou, incluindo uma tortura na igreja, nada combinavam com ela naquele momento da sua vida. Quando eu assisti ao filme, dez anos depois da filmagem, achei o resultado bizarro.

nidade de encontrá-la em momentos bastante marcantes de sua vida: na plenitude da parceria com Lindolf Bell (1938-1998), na ascensão como artista pop e na sua fase mais densa e madura dos anos 1980.

Elke – uma sinopse

Nascida em Blumenau, em 10 de agosto de 1940, Elke Hering foi uma artista múltipla: escultora, desenhista e pintora, com incursões em tapeçaria e design. Desde cedo enfatizou a escultura como forma de expressão, uma arte exigente, que impõe limites, estabelecendo um permanente conflito entre o que o artista deseja alcançar e a luta contra as propriedades físicas dos materiais.

Elke era uma doce guerreira, poderosa e sensível, forte e frágil. Seu trabalho reflete essa ambiguidade. Sua obra, quase indissociável de sua vida e personalidade, é uma mescla de força e fragilidade, de beleza e dureza, de frieza e calor. Ela mudava radicalmente de tempos em tempos, indo do ferro retorcido e soldado, aos volumes macios recobertos da pele plástica e colorida do

plavínil; da organicidade da madeira, à rigidez do cimento, da monocromia do bronze ao brilho e mistério do cristal. Confirmando esses contrastes, suas pinturas, lisergicamente coloridas, se estruturam sobre a cor negra, desenhadas em nuvens e listras, das quais derivam objetos e esculturas narrativas. O desenho, que Elke produziu ao longo de toda a sua vida, não é um seguidor dessas mudanças, mas sua origem. Estruturais, compositivos e até autobiográficos, os desenhos são o alicerce de sua produção, e prenunciam cada uma dessas mudanças².

A formação da artista certamente contribuiu para sua polivalência pois se alternou entre Munique e Salvador, entre Mário Cravo Jr. (1923-2018) e Robert Jacobsen (1912-1993), entre o Rio de Janeiro e Iowa. Durante a década de 1970, Elke participou dos mais importantes eventos artísticos do Brasil, no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, Museu de Arte Moderna de São Paulo, Bie-

2. Elke Hering chegou a produzir mais de 25 mil desenhos. Lamentavelmente boa parte deles foi perdida na grande enchente da década de 1980. Salvaram-se apenas 1.200 que foram divididos entre os herdeiros após sua morte.

nal de São Paulo, Salão Paranaense de Artes, entre outros. Sobre ela escreveram alguns dos mais influentes críticos como: Roberto Pontual (1939-1994), Walmir Ayala (1912-1993), Frederico Moraes, Adalice Araújo (1931-2012), sendo ela a única artista catarinense presente no livro “Um Século de Escultura no Brasil”, de P.M. Bardi (1900-1999) e Jacob Klintowitz editado pelo Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand, em 1982.

Sua presença no cenário catarinense também foi marcante, especialmente com a atuação da Açu-Açu, uma das primeiras galerias de arte de Santa Catarina, e um ponto de encontro dos artistas. De 1970 a 1976, o espaço promoveu as mostras coletivas Barriga-Verde, nas dependências do Teatro Carlos Gomes, em Blumenau. As exposições buscavam estimular a produção contemporânea local, e parte delas foi também apresentada fora do Estado.

Elke Hering foi uma pioneira na defesa de pautas ambientais e identitárias, hoje tão discutidas. Em 1973 apresentou na 12ª Bienal Internacio-

nal de São Paulo o Projeto Índio, uma instalação sobre a questão indígena. Utilizando recursos de luz e som, foi um dos destaques do evento.

Ao longo de sua carreira, Elke produziu algumas esculturas urbanas de grande porte. Entre elas estão as realizadas para a Assembleia Legislativa do Estado de Santa Catarina (Alesc) e para o campus da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Nos anos 1980 inaugurou uma galeria com seu nome, cujo foco era a realização de cursos. Ainda nessa década, começou sua luta contra um câncer que iria abatê-la aos 53 anos.

Em 1994, após a morte da artista, foi criado em Blumenau, o Salão Elke Hering, mostra nacional contemporânea de artes visuais. O salão vem conquistando uma projeção crescente, recebe artistas de todo o país, e alcança um público que vem se consolidando ao longo de suas edições.

Pela característica mutante que permeia a vida e a obra de Elke, decidir à exposição o título de “Metamorfoses”, descobrindo posterior-

mente que a artista deu esse nome, não apenas a uma de suas primeiras esculturas, mas a várias delas ao longo de sua carreira.

Metamorfoses

A alma de uma curadoria é a pesquisa, sem ela é impossível fazer um bom trabalho. No caso de Elke, a etapa mais complexa foi selecionar o material documental. Rafaela Bell tem um arquivo repleto de fotos, cartas, desenhos, etc., material parcialmente sistematizado por Daiana Schwartz, o que possibilitou fazer a cronologia ilustrada que deu início à exposição e é apresentada ao final desta publicação. Paralelamente a essa profusão, são raros os exemplos físicos das esculturas do início da carreira de Elke. Como já citado, a Coleção Collaço Paulo reúne quase todas as fases da obra da artista, o que permitiu uma apresentação bastante completa da trajetória de Elke. Entretanto, o espaço das salas de exposição é sempre um limite físico a ser respeitado. A mostra tem que fluir, as obras têm que respirar, e é necessário criar um diálogo entre elas. Assim, apenas uma parte da

coleção foi apresentada.

A exposição foi dividida em sete núcleos apresentando, de forma cronológica, o percurso, o processo e a vida da artista. Na montagem foram escolhidas cores neutras para a organização dos desenhos e das esculturas em bronze, e paredes coloridas: verde, azul e amarelo, quando sua obra busca a brasilidade. O toque mágico ficou para as esculturas em cristal, dando a elas o tratamento de joias.

Sem medo de errar, Elke se entregava inteiramente a cada momento criativo, fazia uma investigação profunda das potencialidades expressivas de cada material até esgotá-lo – partindo então para outro desafio. O conjunto evidencia a diversidade e a qualidade da produção da artista, destacando sua poética instigante – em perene metamorfose.

A Descoberta

Bisneta de Hermann Hering (1835-1915), um dos pioneiros da indústria têxtil no Vale do Itajaí, Elke Hering foi criada numa família de grande poder, recebendo uma educação

rígida e luterana. Ela atribuía a seu pai Max Victor Hering (1902-1961) a permissão para estudar arte. Em 1957, aos 17 anos, conheceu, num jantar na casa paterna, o artista Lorenz Heilmair (1913-2010) que então executava os vitrais da Igreja São Paulo Apóstolo, em Blumenau. Segundo relato de Elke, ela mostrou seus desenhos a ele, e foi convidada a ser sua assistente.

O projeto da igreja, hoje Catedral de Blumenau, era assinado pelo arquiteto alemão Dominikus Böhm (1880-1955), e por seu filho Gottfried Böhm (1920-2021), que terminaria a obra após a morte do pai, em 1955. A arquitetura do templo era muito ousada para a época, especialmente para uma comunidade que esperava uma igreja tradicional, mas, de certa forma, o projeto é uma releitura modernista da arquitetura gótica. Na parte externa, Böhm utilizou arcos e colunas longas e delgadas, criando um templo grandioso, mas de simplicidade austera. Os vitrais tinham um espaço muito importante nos projetos religiosos do arquiteto, e, em São Paulo Apóstolo, eles reproduzem símbolos

litúrgicos estilizados: peixe (Cristo), uva (vinho), trigo (pão) e água (batismo). Muito delicados e claros, fazendo um fechamento translúcido, eles inundam o interior do templo de luz. Para a execução dos vitrais, houve dois problemas: importar o vidro “antique” e encontrar mão de obra qualificada. Depois de um longo processo, a igreja conseguiu os fundos e a autorização oficial para fazer a importação, e a escolha profissional recaiu sobre Lorenz Heilmair, alemão radicado no Brasil.

Ao trabalhar com ele, Elke penetrou num mundo que não conhecia, um espaço criativo e moderno. Já atenta às restrições impostas às mulheres na sociedade blumenauense, ela tinha conversas sobre profissionalização artística com Heilmair. Quando terminou o trabalho na igreja, ela estagiou com ele na sua oficina, então em Porto Alegre (RS). Lá realizou vários projetos para vitrais de sua própria autoria, dos quais quatro foram apresentados na exposição. Executados em aquarela, eles não parecem trabalhos de uma iniciante. Sua composição é original e complexa, destacando-se o uso

da cor e da volumetria. Vale observar que o vidro “antique” tem uma superfície irregular, embora lisa, e é marcado pela presença de bolhas e ranhuras, e por uma espessura também irregular. Elke considerou essas características em seu projetos, que preveem também a estrutura de estanho para o suporte dos vidros. Nos arquivos da artista há uma foto, em preto e branco, de um desses vitrais que ela chegou a executar, sendo ele dos projetos da coleção - o que nos permitiu uma comparação entre projeto e execução.

Durante todo esse processo, a sinergia entre o mestre e a discípula foi grande, um período fundamental para que Elke acreditasse em sua vocação: “Enquanto nós fazíamos os vitrais, ele me introduziu no mundo da arte, e este mundo começou a me fascinar. Porque até então eu não tinha tomado contato nenhum com a arte. O contato que eu tive foi com mestres antigos dos quais havia obras em casas tradicionais em Blumenau... Então esse mundo de repente se abriu e eu me fascinei totalmente com ele e queria ser pintora. Mas, aí, Heilmair achou que

não, que eu tinha muito mais talento para a forma. Justamente porque eu tinha feito uns desenhos e tinha conseguido um bom volume dentro deles”.³ Acreditando no talento da jovem, Heilmair ajudou a convencer a família de que ela deveria estudar no exterior.

Tempos Difíceis:

Alemanha 1958-1960

No final de 1958, Elke viajou para a Alemanha ingressando na Academia de Belas Artes de Munique, onde estudou com Anton Hiller (1893-1985). Muito reconhecido na década de 1950, o artista integrava um grupo que buscava um sentido de renovação e reconstrução na arte, tentando driblar o trauma da guerra e da divisão do país, que assombravam a sociedade alemã da época. Sua escultura frequentemente combinava elementos de figuração e abstração, refletindo a tensão entre tradição e modernidade.

Em seus relatos sobre o período, Elke sempre ressaltou que sua

3. A entrevista a Carlos Altschul, foi realizada em 1985. O texto manuscrito faz parte dos arquivos da artista.

adaptação à Munique foi difícil. Eram modos e comportamentos muitos diversos dos hábitos de sua criação, numa cidade pequena como era então Blumenau. Afirmava que não tinha sido bem recebida pelos colegas que duvidavam de sua capacidade artística, diziam que ela era filha de pai rico e que estava tirando a vaga de outras pessoas. Ainda segundo a artista, a solução que adotou foi isolar-se, encontrando na literatura e no desenho uma maneira de lidar com suas emoções. Seus esforços valeram e, em 1959, ela recebeu uma menção honrosa no concurso anual da academia. A Coleção Collaço Paulo reúne alguns desenhos dessa época, com características expressionistas, mas, até agora não foi possível localizar nenhuma escultura desse período. As razões dessa lacuna podem ter sido práticas, como a dificuldade de transporte, mas o que parece incommum é o fato da artista nunca se referir a nenhuma escultura produzida por ela nesse período e nem ao processo de trabalho na academia.

Para além das impressões de uma adolescente sensível, o aprendiza-

do com Hiller mereceria um estudo mais cuidadoso, pois deitou raízes profundas na artista, que iriam se refletir de forma marcante na produção realizada por ela na década de 1980, notadamente nos seus trabalhos em bronze.

Novos Ares:

Bahia 1962-1963

No final do ano de 1960, a artista retornou ao Brasil. Seu pai, ao qual era muito ligada, estava doente e a família com problemas em decorrência disso. Ele viria a morrer em 1961, seguindo-se um período no qual Elke, abalada, passou a beber muito, adotando um comportamento autodestrutivo. Acreditamos que devido a isso a família pensou em enviá-la para outro local, e Elke foi para a Bahia, no segundo semestre de 1962, fazer um estágio com o escultor Mario Cravo Jr. O fato sempre me pareceu intrigante. Como uma família tão tradicional e restrita permitiu a ida de uma jovem para a Bahia, para ficar ao lado de alguém tão sedutor quanto Cravo Jr.? Uma pista interessante, a ser investigada em maior profundidade, delineou-se

quando li um dos diários de Elke no qual descobri que a família Odebrecht era aparentada com os Hering. A ligação dos Cravo com os Odebrecht sempre foi muito forte, estendendo-se até a atualidade. Assim, creio que Elke morou na casa de um de seus tios enquanto realizava o estágio com Cravo Jr., ficando assim ao lado de um artista já reconhecido - mas sob controle.

O período no qual a jovem artista viveu na Bahia foi um momento cultural de grande importância e abrangência, como poucas vezes se viu no Brasil. As escolas de teatro, música e dança da Universidade da Bahia eram ministradas por artistas e teóricos da mais absoluta vanguarda como Koellreutter (1915-2005), Lina Bo Bardi, Yanka Rudzka (1916-2008) e Martim Gonçalves (1919-1973), tornando Salvador um ponto de encontro de intelectuais. Nesse contexto o ateliê-oficina de Cravo Jr. era lendário. Aberto a todos foi o grande motor da mudança das artes plásticas na Bahia. Lá circulavam: Carlos Bastos (1925-2004), Genaro de Carvalho (1926-1971), Carybé (1911-1997), Jenner

Augusto (1924-2003), Rubem Valentim (1922-1991) e Agnaldo dos Santos (1926-1962), entre outros. Em 1959, Lina Bardi foi convidada a implantar o Museu de Arte Moderna na Bahia, inaugurando em 1960, a primeira exposição na sede provisória da instituição museológica, no *foyer* do Teatro Castro Alves. Entre 1961 e 1963, ela dedicou-se com Cravo Jr. a estudar a implantação de um Museu de Arte Popular, no então abandonado Solar do Unhão. Os dois sempre estavam juntos e é pouco provável que Elke não estivesse com eles. O convívio com uma brasilidade calorosa, tão diversa da sua formação germânica, foi uma experiência marcante para a jovem artista, que a registrou em desenhos, muito mais livres do que aqueles realizados em Munique.

No ateliê de Cravo Jr. Elke aprendeu a trabalhar com o ferro soldado, criando esculturas abstratas, compostas por elementos de metal, muitas vezes de sucata. O trabalho com solda em ferro é pesado, exigindo atenção e força, Elke era jovem e delicada, mas aprendeu bem as lições. O estágio teve grande impacto

sobre a artista, e toda a produção dela que se segue é herdeira desse momento. Ela retornou a Blumenau no final de 1963, quando Mário Cravo Jr. viajou para Berlim com bolsa da Fundação Ford, conseguiu montar um ateliê e seguiu produzindo suas esculturas/*assemblages*.

Apesar do inegável parentesco com a obra de Cravo, já é possível ver nesses trabalhos uma marca pessoal da artista. Suas esculturas são mais aéreas, utilizando alguns elementos que se referem ao tempo, e propondo um equilíbrio sutil, à beira da instabilidade. Algumas têm títulos, como “Metamorfose” e “Abraxas”, prenunciando um viés esotérico que ela iria adotar mais adiante. Apesar de registradas em fotos, poucas dessas *assemblages* foram localizadas, sendo uma delas a “Figura Nº1”, que integra a Coleção Collaço Paulo. A obra participou do 22º Salão Paranaense de Belas Artes em 1965, no qual a artista foi premiada. Esse reconhecimento foi de especial significado para Elke, que havia participado do 1º Salão Pró-arte Nova de Blumenau, no qual suas *assemblages* foram recebidas

pelo público da cidade de forma extremamente hostil, acostumado à escultura tradicional. No mesmo ano, ela foi premiada também no 1º Salão de Arte Contemporânea de Campinas e participou do 1º Salão de Artistas Jovens Esso, no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, onde conheceu críticos como Walter Zanini (1925-2013) e Roberto Pontual e artistas como Domenico Calabrone (1928-2000) e Roberto Moriconi (1932-1993). A descoberta de que o ambiente cultural do Rio de Janeiro, naquele momento, era pulsante, e infinitamente mais aberto do que o de Blumenau, veio um pouco tarde, pois já estava em curso seu retorno à Alemanha, com uma bolsa de estudos da Academia Alemã de Intercâmbio Acadêmico (DAAD).

Alemanha Outra Vez

1966–1967

Elke chegou em Berlim, onde frequentou, por curto período, a Hochschule für Bildende Kunst. Não se adaptou ao ensino e, por indicação do antigo mestre Anton Hiller, seguiu para Munique, para estudar

com Robert Jacobsen (1912-1993). O pintor e escultor dinamarquês, nome bastante conhecido na Europa, associado aos movimentos de arte construtivista e concreta, foi o vencedor do Grande Prêmio de Escultura na 33ª Bienal de Veneza, exatamente no ano em que Elke começou seu curso. Suas esculturas são caracterizadas pelo uso de materiais industriais, como ferro e aço, com foco em formas geométricas simples, que, recortadas e dobradas, adquirem grande dinamismo. Jacobsen era um grande admirador e colecionador de arte africana, e a obra de Elke sofreu pouca modificação nessa estadia alemã, como podemos ver na série de 11 desenhos desse período, basicamente projetos, alguns dos quais ela viria a transformar em esculturas. Neles diminui a indicação de elementos retorcidos e a composição é mais clara e dinâmica. Continua presente o equilíbrio instável das suas primeiras obras, mas, talvez como a maior contribuição de Jacobsen, as esculturas de Elke agora evocam movimento. Um ano depois, a artista voltou para o Brasil e continuou

seu trabalho. No final da década de 1960, a explosão de um aparelho de solda, enquanto ela trabalhava, assustou a artista. Paralelamente, outra questão estava rondando a sua mente: a permanência na Alemanha, depois da estadia na Bahia, a levou a perceber a importância da luz e da cor do Brasil. A conjunção desses fatores ajudou Elke a repensar a produção de esculturas em ferro. Assim, em 1968, ela fez uma mudança radical de percurso, alinhada com as novas propostas de sua geração.

Pop-Art

1968-1975

A cena artística brasileira no final dos anos 1960 e início da década de 1970 é um momento que se caracteriza pelo clamor de libertação da soberba concretista e da linguagem subjetiva do abstracionismo informal. A ascensão da vanguarda vem permeada por diferentes demandas: a obra única substituída pelo múltiplo, a desmaterialização da obra de arte, a participação do espectador, o uso de materiais industriais e a arte engajada. Experimentos, instalações e performances tomam de assalto

museus, galerias e ruas. A *pop-art* se dissemina trazendo de volta a figuração, aqui colorida por tintas políticas. Um período intenso e vibrante.

Abandonando a subjetividade das composições em ferro, Elke começou a trabalhar com materiais industriais e estruturas modulares. Mais uma vez o material físico não sobreviveu, restando apenas algumas fotografias. Através delas é possível perceber uma dicotomia interessante que a artista estabelece entre os elementos compositivos da obra: os geométricos realizadas em madeira branca, contrapostas a recursos sinuosos, quase orgânicos, recobertos por um tipo de lona plástica conhecido como plavinil. É o caso da escultura “Erupção”, realizada em parceria com Hamilton Cordeiro (1943-2005), na qual uma estrutura branca cindida ao meio revelava uma massa vermelha, que parecia escorrer como lava. A obra recebeu, em 1968, o prêmio aquisição do 2º Salão Esso do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro. Não era pouco para uma jovem catarinense! ⁴

4. O trabalho, infelizmente, foi perdido no incêndio do museu em 1978.

Como já observamos, a vida pessoal de Elke sempre interferiu no desenvolvimento de seu trabalho. E, naquele momento, no qual ela abria uma nova vertente, não foi diferente. Segundo vários relatos, após o seu retorno da Alemanha, Elke foi ao aeroporto de Blumenau para buscar o escritor catarinense Lindolf Bell, que chegava de São Paulo. Ele vinha a convite de um grupo de pessoas da cidade, para apresentar a sua *Catequese Poética* para estudantes. A paixão entre os dois foi imediata, e é fácil compreender a avassaladora atração mútua. Belo e poeta, Bell tinha um carisma extraordinário. Tive a oportunidade de assistir duas de suas declamações e só tenho a dizer que eram hipnotizantes. Bela e artista, Elke tinha uma presença atraentemente enigmática. Juntos formavam um casal de tirar o fôlego...

No período em que se conheceram, Bell foi selecionado para participar do International Writting Programm, da Universidade de Iowa, nos Estados Unidos. Não havia para eles a possibilidade de ficarem separados... A viagem apressou o ca-

samento, ainda em 1968, contra a vontade da família dela. A proposta da Catequese Poética era levar poesia para as ruas, praças e escolas, e estava em total sintonia com o programa de residência que era dirigido pelo escritor, crítico e professor Paul Engle (1908-1991). O programa, que existe até hoje, tem como proposta conectar escritores de todo mundo. Durante a residência são apresentadas palestras, leituras e encontros entre escritores conhecidos e emergentes, mas, todas as atividades são opcionais e os participantes podem usar o seu tempo da forma que preferirem. Ao final do programa, o resultado da pesquisa de cada participante é apresentado publicamente e divulgado na mídia.

Imagino que a residência tenha sido um sonho para o jovem casal. Lá, eles trabalharam juntos por oito meses, desenvolvendo o projeto Experiência Poética, uma apresentação performática reunindo poesia, dança, música e objetos. Elke produziu uma série de balões-nuvens de plástico transparente aplicando os poemas de Bell na superfície. A performance da dupla foi realizada

em 8 de junho de 1969, no Museu de Arte Contemporânea de Chicago e mereceu uma matéria no caderno de cultura do jornal *The Gazette*, de Iowa⁵. A vivência nos Estados Unidos, num período tão pleno de questionamentos e mudanças na arte, seguramente foi muito importante para a formação de ambos, entretanto, vale observar que, antes da residência, Elke já estava trabalhando com plavinil, e que essa opção não foi uma decorrência da viagem, como posteriormente foi escrito em textos de vários autores, incluindo o próprio Bell.

Na volta ao Brasil, eles se estabeleceram em Blumenau inaugurando, com os amigos Péricles e Arminda Prade, a Galeria Açu-Açu. Não está no escopo deste texto analisar as atividades da galeria, mas o fato é que os eventos promovidos por ela transformaram Blumenau no epicentro artístico do Estado. “O casal recebia e hospedava muitos amigos, artistas e escritores vindos de

5. SANDRA MAKOWIECKY e MARLI HENICKA Trajetória de Elke Hering, formalidade lógica e sensibilidade contida. In Fragmentos – Construção II Imagem-A-contecimento, 1ª edição, Gráfica e Editora Coan, Florianópolis, 2013.

São Paulo, Rio de Janeiro, Buenos Aires que circulavam pela cidade, misturando-se ao seu círculo de amizades que incluía artistas como Alberto Luz (1930-2007), Marget Luz, Lygia Roussenq Neves, Luís Carlos Matos, Rubens Oestrem, Guido Heuer, Noemy e Roy Kellermann (1943-2014).”⁶

Nesse período efervescente eles continuaram a produzir juntos poemas ilustrados e poemas – objeto, mas também desenvolveram seus próprios projetos. Mais uma vez a permanência no exterior despertara em Elke a consciência da presença da cor no Brasil. E assim, mesclando a *pop-art* americana e a busca por uma brasilidade sulina, Elke retornou às lembranças de sua infância no Vale do Itajaí. Sua obra se torna plena de cor, de formas onduladas, que se desdobraram em aquarelas, pinturas, esculturas em plavínil, e também em madeira e ferro pintado. São desse período as figuras lisérgicas, as lesmas, as nuvens, o uso

das listas negras. Alguns desses trabalhos vibrantes integram a Coleção Collaço Paulo.

Entre 1971 e 1972 nascem os filhos do casal, Pedro e Rafaela, mas esse fato não diminui a intensa produção de Elke. Em 1972 ela é selecionada por Franco Terranova para enviar uma proposta para a exposição internacional de múltiplos que a Petite Galerie estava organizando. Os múltiplos haviam surgido como uma proposta do italiano Bruno Munari (1907-1998), que questionava o sistema artístico e propunha a democratização da obra de arte. Para ele, as peças únicas, feitas à mão, tinham preços absurdos e, por isso, só podiam atingir um público muito seleto. Ele queria subverter essa lógica através da utilização de novos materiais e projetos reprodutíveis. Criou então regras bem específicas para classificar uma obra como múltiplo. O trabalho de Elke, uma nuvem-chuva, atendia a todas elas e Franco encomendou uma série. A peça fez grande sucesso e foi selecionada para a contracapa do catálogo do evento.

6. SANDRA MAKOWIECKY e MARLI HENICKA Trajetória de Elke Hering, formalidade lógica e sensibilidade contida. In Fragmentos – Construção II Imagem-Acontecimento, 1ª edição, Gráfica e Editora Coan, Florianópolis, 2013.

No mesmo ano, a artista lançou uma nova série de trabalhos, as esculturas moles, de evidente parentesco com Claes Oldenburg (1929-2022), que agigantavam objetos do cotidiano. São conhecidas três obras dessa proposta: “Massa de Modelar”, “Caneta” e “Tinteiro”. Deslocados de seu tamanho e de sua constituição física, esses objetos ressignificados emanam um toque de ironia e humor, e foram muito bem recebidos pela crítica. “Massa de Modelar” está no acervo do Museu de Arte de Santa Catarina (Masc), “Caneta” esteve no Panorama Atual da Arte Brasileira do MAM-SP, passando a integrar o acervo da instituição e “Tinteiro”, que hoje integra a Coleção Collaço Paulo, foi apresentada na Bienal Nacional de 1972, recebendo o prêmio referência especial, que classificou Elke para a participação na 12ª Bienal Internacional de São Paulo.

Os artistas pré-selecionados pela Bienal Nacional tinham, portanto, algum tempo para elaborar sua proposta. Elke começou a estudar os temas possíveis para seu trabalho, detendo-se na questão ambiental. A

análise do assunto fez com que ela compreendesse o quanto a questão indígena estava imbricada no problema, o que a fez buscar um embasamento teórico com os antropólogos Arno Vogel e Maria de Lourdes Menezes. A artista queria fazer um projeto interativo, que mobilizasse o público e, por isso, trabalhou também com o arquiteto Paulo Rocha. O Projeto Índio era uma instalação que estabelecia um contraponto entre elementos tecnológicos, como resina e plavínil, e o barro, um material ancestral. Era constituído por uma espécie de vagão branco, sob uma teia vermelha, e utilizava recursos de luz e som. Na ocasião, Elke buscou apoio da Prefeitura de Blumenau, que prometeu recursos, mas não cumpriu a palavra... Apesar disso, o projeto foi realizado.

No catálogo da Bienal a proposta, identificada como Projeto Santa Catarina, é assim descrita:

O projeto apoia-se na busca de uma arte brasileira, utilizando a matéria-prima ao alcance de nossa percepção, bastando, para isso, romper as facilidades do pré-fabricado e mergulhar na problemática brasileira.

Essa tarefa começaria pelo índio. A redescoberta do nativo e de sua situação diante do conquistador seria um possível ponto de partida para uma arte brasileira.

Descrição: um ambiente de estar com “móveis” e objetos de função não-definida de cor branca ou transparentes. Paredes, piso e teto brancos, sendo o teto em acrílico leitoso, com lâmpadas superdimensionais dando excesso de luminosidade ao interior do ambiente, No ambiente (próximo ao centro) a figura de um índio (tipicamente brasileiro), o mais real possível, representada através de uma escultura. O ambiente é dotado de som para o exterior em sincronização com a iluminação superior. Sobre o ambiente, apostado à sua forma externa, pesa uma espécie de ente maligno denotado por formas de bulbos, com tentáculos que se fixam ao solo, a uma certa distância do conjunto — um câncer que devora o ambiente integrador e o índio integrado.⁷

A instalação foi colocada em lugar

7. Trecho do catálogo da Bienal. In SANDRA MAKOWIECKY e MARLI HENICKA Trajetória de Elke Hering, formalidade lógica e sensibilidade contida. In Fragmentos – Construção II Imagem-Acontecimento, 1ª edição, Gráfica e Editora Coan, Florianópolis, 2013.

nobre da Bienal, no vão central, no setor chamado Arte e Comunicação e tornou-se um dos destaques do evento. O projeto era acompanhado de um folheto, ilustrado pelo rosto de um indígena em tamanho natural, cujo longo texto surpreende pela seriedade e contemporaneidade, e do qual destacamos uma fração:

Contra a história linear e contra a ideologia evolucionista, que reduziram as sociedades primitivas ao ponto de partida “imperfeito” e envergonhado da nossa civilização, afirmamos o primado da diferença como categoria básica de uma nova atitude diante das culturas indígenas. (...) O índio não é redutível à qualidade de antepassado bárbaro do cidadão da “era tecnológica”. Desconhecer isto é acreditar no desenvolvimento linear de uma “natureza humana”. É ignorar que os homens concretos são definidos pelas relações sociais e pelas estruturas simbólicas que constituem a sua formação social. A nossa diferença são as sociedades indígenas.⁸

8. Folder Projeto Índio, publicado por ocasião da 12ª Bienal Internacional de São Paulo.

Em 1975 nasce Eduardo, o terceiro filho do casal, e, entre as múltiplas ações da Galeria Açu-Açu e a criação dos filhos, Elke passou a ficar mais em Blumenau. Para não trabalhar perto das crianças com metais, ela optou por usar a madeira como material. A pesquisa para o Projeto Índio parece ter influenciado essa produção composta por uma série de esculturas em madeira policromada intitulada “Florações”. Os trabalhos têm formatos variados, incisões e detalhes de folhas e flores exuberantes, remetendo aos indígenas, ao tropicalismo e a civilizações do passado. Apesar de terem chamado a atenção da crítica carioca quando apresentadas na Maison de France, em 1976, a artista não deu continuidade a essa pesquisa. Duas dessas obras, que estiveram na exposição no Rio de Janeiro, integram a coleção do instituto.

Corpos e Fragmentos

1978-1986

De 1974 a 1980, Elke fez cursos por correspondência com a astróloga Emma Costelet de Mascheville (1903-1981). O crescente envolvi-

mento com esse estudo levou a artista a incorporar o disco solar, símbolo dos quatro elementos, à sua assinatura artística. Essa vertente mística se reflete na sua produção e o desenho volta a ser seu guia. Mais uma vez em busca de sua identidade, dizia ela em entrevista a Carlos Altschul:

Eu teria que achar um material que respondesse a todos meus impulsos, (...) e aí eu comecei a procurar esta técnica, sabia que o barro não era isso, ele não respondia o suficiente, era muito mole para mim, ou eu muito dura para ele, não dava certo...⁹

Esses questionamentos levariam a artista, em meados de 1980, a escolher o bronze como material. Essa nova metamorfose resulta de diversos fatores que se conjugam. Elke se separa de Lindolf Bell e deixa a Galeria Açu-Açu, encerrando um momento marcante de sua vida. Separações são sempre dolorosas, e mais ainda no caso de uma pessoa sensível...Paralelamente, muda

9. A entrevista a Carlos Altschul foi realizada em 1985. É texto manuscrito que faz parte dos arquivos da artista.

completamente o perfil do cenário artístico nacional. A efervescência desaparece, há uma diminuição significativa de exposições e da produção crítica, os grupos se extinguem e o individualismo se impõe. Após uma breve ressurreição da pintura, o circuito se encaminha para a hegemonia da arte conceitual. Assim, a opção pelo bronze, que dá solidez ao trabalho de Elke, vai à contracorrente da produção da época.

Nessa fase Elke investiga as possibilidades do corpo, seu entrelaçamento, presença, ausência e fragmentação. As formas são exponenciadas pelas texturas indo da aspereza que remete ao ferro, à maciez do bronze. Frequentemente, a artista cria contrastes entre superfícies ásperas e brilhantes, entre a sombra do metal patinado e o brilho acetinado do metal polido. O trabalho forte e incisivo, remete à obra de Henry Moore (1898-1986), e também à de Anton Hiller, seu professor em Munique - um paralelo que mereceria maior aprofundamento. O conjunto apresentado na exposição reunia dez desenhos e 16 esculturas, porém a coleção tem um número bem maior

de desenhos. A comparação entre os dois tipos de produção evidencia a natureza autobiográfica das esculturas dessa fase, na qual a artista oscila entre integração e desintegração, usando, entretanto, formas arquetípicas, que sugerem verdades elementares ou indefiníveis sobre o ser e a natureza.

Luz!

1986-1994

Embora tenha continuado a trabalhar com materiais como bronze e cimento, inclusive produzindo obras de grande formato, como “O Guardião”, Elke começa, a partir de 1986 a pesquisar o cristal. Nas oficinas da empresa de sua família, Cristais Hering, dedicou-se acompanhar a produção dos objetos, como uma jovem aprendiz dos tempos das guildas. Sua perseverança conquistou a atenção dos mestres vidreiros e ela recebeu um pequeno espaço para trabalhar lá. A moldagem desse material é bastante complexa, pois é necessário partir de uma bola pastosa que sai do forno a uma temperatura de cerca de 1.600° C. Um processo cujo resultado final depen-

de do absoluto controle de volumes, massas e sombra. As esculturas produzidas por Elke nesse material são corpos e torsos transparentes, nos quais ela insere um jogo de linhas e manchas coloridas, criando imagens pictoriais que se formam numa quarta dimensão. A luz jorra, provocando um visual mágico, que remete a mundos interiores.

O instituto tem um significativo conjunto de seis esculturas desse período. Em matéria sobre essas criações, com o sugestivo título “Emoções Transparentes”, assim escreveu o crítico Mário Margutti:

Em seus corpos de cristal, figurações estilizadas que beiram o abstracionismo, Elke imprime no interior um jogo de linhas e de manchas coloridas, superexpostas pela transparência do material, que confere aos seus trabalhos uma dimensão gráfica e pictórica. Sua linguagem plástica é uma ordenação de impulsos, sintetizados em curvas sinuosas, afunilamentos e cortes que dispensam a forma supérflua, compondo um refinado jogo de linhas que é valorizado pela presen-

ça leve que o material transparente ocupa no espaço. Uma artista madura, consciente e dona de um expressivo vocabulário plástico, no qual um rigoroso desejo de síntese convive harmoniosamente com a incorporação à obra, do imprevisto e da emoção súbita.

Não posso deixar de observar que Elke começou a trabalhar com vitrais, e que o vidro “antique” se caracteriza exatamente pela presença de bolhas e ranhuras, que adicionam uma camada pictorial à transparência. Teria Elke a consciência desse retorno? Não há evidência disso, mas a artista considerava seus cristais a fase “Alma” de sua vida. Um mergulho na luz!

Bem longe de um escrito definitivo, esse texto é um conjunto de lembranças, apontamentos, suposições e possibilidades. Sua inclusão neste catálogo, paralelo à exposição “Metamorfoses”, vem alertar para o fato de que ainda há muito a pesquisar e descobrir sobre a artista instigante que foi Elke Hering.



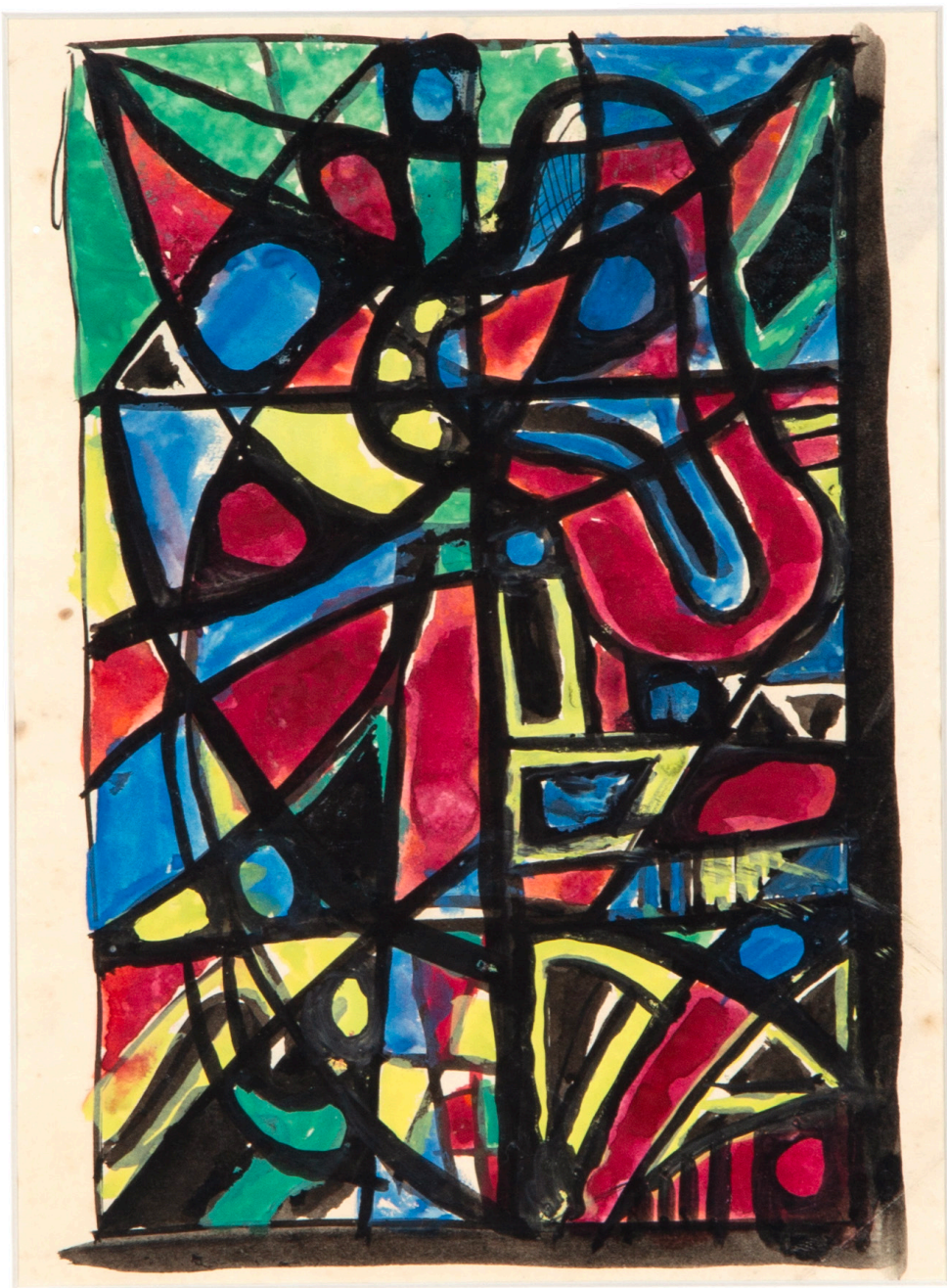
Série Vitrais, 1957. **ELKE HERING**

Aquarela sobre papel. 20,4 x 10,6 cm. Coleção Collaço Paulo



Série Vitrais, 1957. **ELKE HERING**

Aquarela sobre papel. 17,4 x 13,9 cm. Coleção Collaço Paulo



Série Vitrais, 1957/1958. **ELKE HERING**

Aquarela sobre papel. 21,5 x 15,8 cm. Coleção Collaço Paulo



Série Vitrais, 1957. **ELKE HERING**

Aquarela sobre papel. 21 x 16 cm. Coleção Collaço Paulo



Sem Título, 1958. **ELKE HERING**

Técnica mista sobre papel. 31,2 x 45,1 cm. Coleção Collaço Paulo



Sem Título, s.d. **ELKE HERING**

Acrílica sobre cartão. 23,3 x 26,4 cm. Coleção Collaço Paulo



Sem Título, 1960. **ELKE HERING**

Técnica mista sobre papel. 21,2 x 29,5 cm. Coleção Collaço Paulo



Sem Título, 1960. (Blumenau). **ELKE HERING**
Acrílica sobre papel. 22 x 15,5 cm. Coleção Collaço Paulo



Sem Título, s.d. **ELKE HERING**

Técnica mista sobre papel. 32,3 x 24 cm. Coleção Collaço Paulo



Sem Título, s.d. **ELKE HERING**

Técnica mista sobre papel. 20,9 x 14,8 cm. Coleção Collaço Paulo



Sem Título, 1962. **ELKE HERING**

Técnica mista sobre papel. 22,5 x 16 cm. Coleção Collaço Paulo



Sem Título, 1962. **ELKE HERING**

Aquarela sobre papel. 31,4 x 20,7 cm. Coleção Collaço Paulo



Sem Título, 1962. (Bahia). **ELKE HERING**

Nanquim sobre papel seda. 20,3 x 12,8 cm. Coleção Collaço Paulo



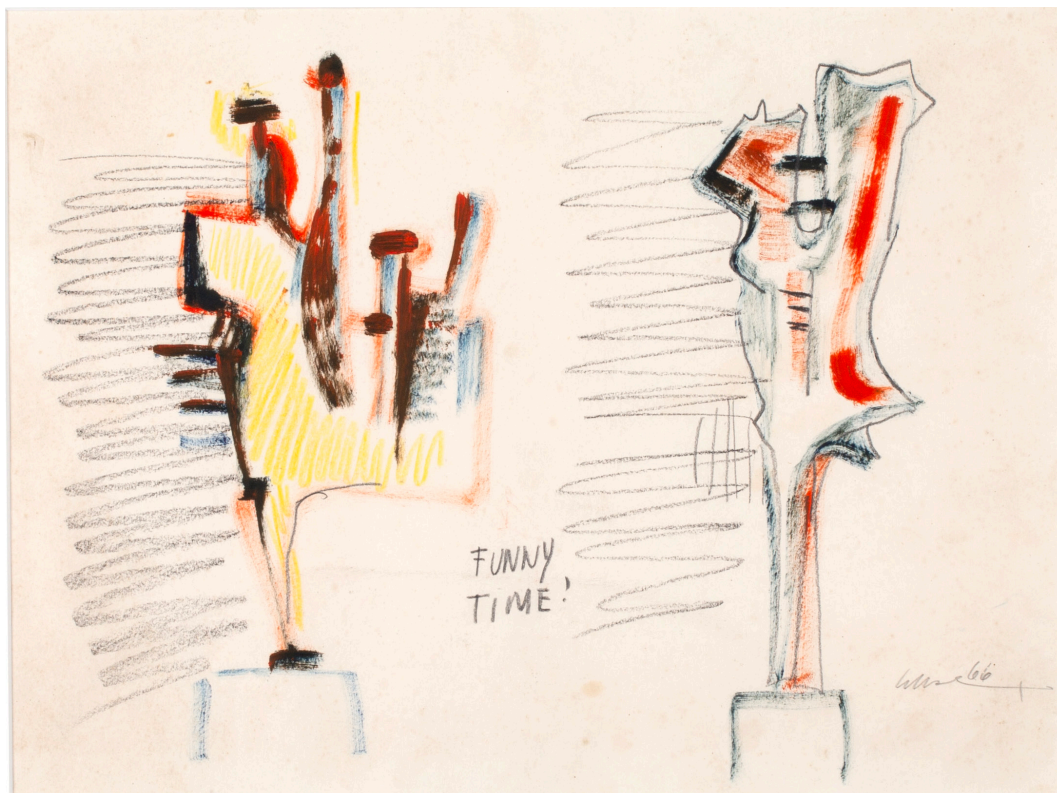
Sem Título, 1963. **ELKE HERING**

Nanquim sobre papel. 31,8 x 21,9 cm. Coleção Collaço Paulo



Sem Título, 1967. **ELKE HERING**

Técnica mista sobre papel. 29,7 x 3935 cm. Coleção Collaço Paulo



Sem Título, 1966. **ELKE HERING**

Técnica mista sobre cartão. 24 x 31,8 cm. Coleção Collaço Paulo



Figura nº1, 1965. **ELKE HERING**

Ferro. 56,5 x 26,2 x 14,3 cm. Coleção Collaço Paulo



Sem Título, 1964. **ELKE HERING**

Acrílica sobre cartão. 42,5 x 30,3 cm. Coleção Collaço Paulo



Sem Título, 1966. **ELKE HERING**

Técnica mista sobre papel. 40,5 x 25 cm. Coleção Collaço Paulo



Sem Título, s.d. **ELKE HERING**

Grafite sobre papel. 27,5 x 41 cm. Coleção Collaço Paulo



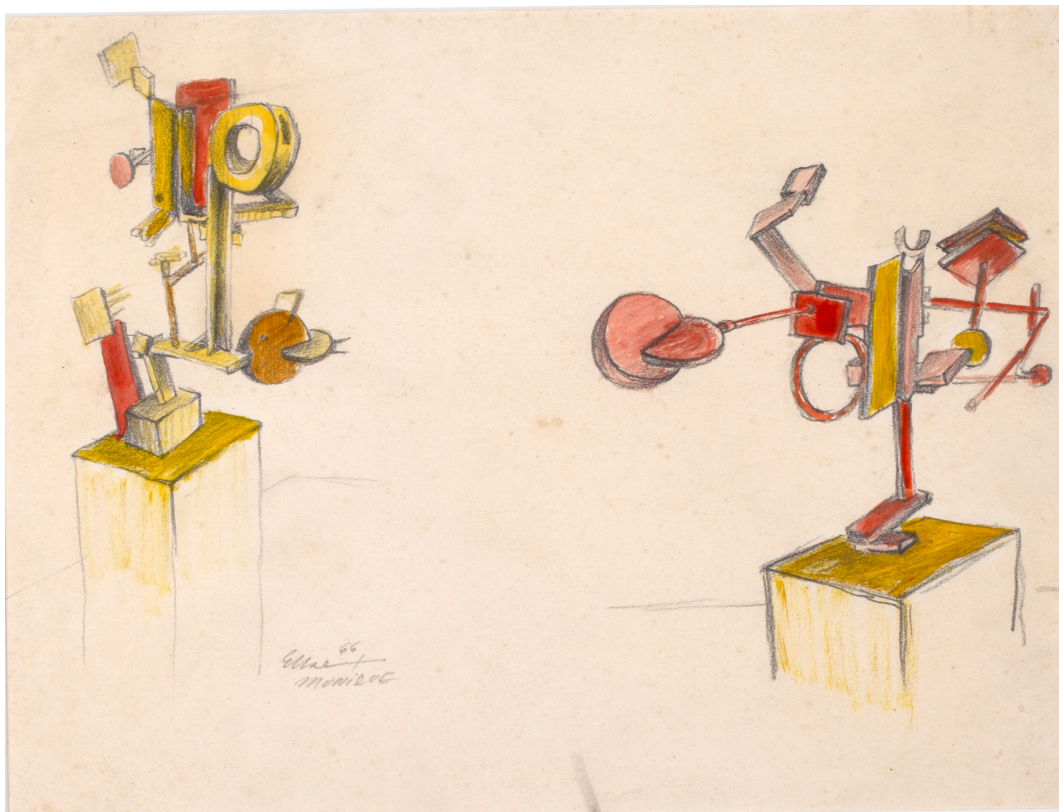
Sem Título, 1966. (Munique). **ELKE HERING**

Técnica mista sobre papel. 29,6 x 21,1 cm. Coleção Collaço Paulo



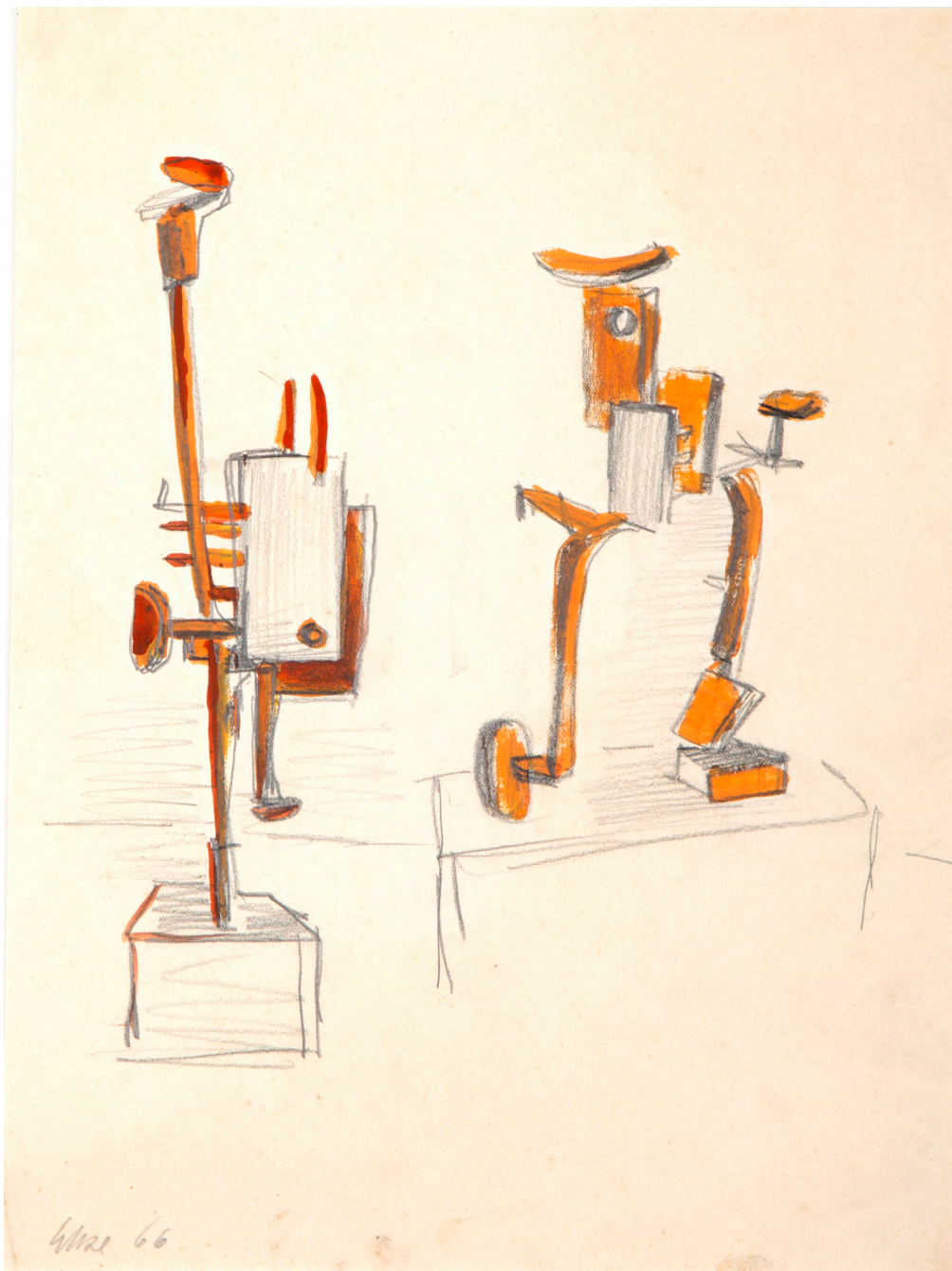
Sem Título, 1966. **ELKE HERING**

Carvão e grafite sobre papel. 31,5 x 23,3 cm. Coleção Collaço Paulo



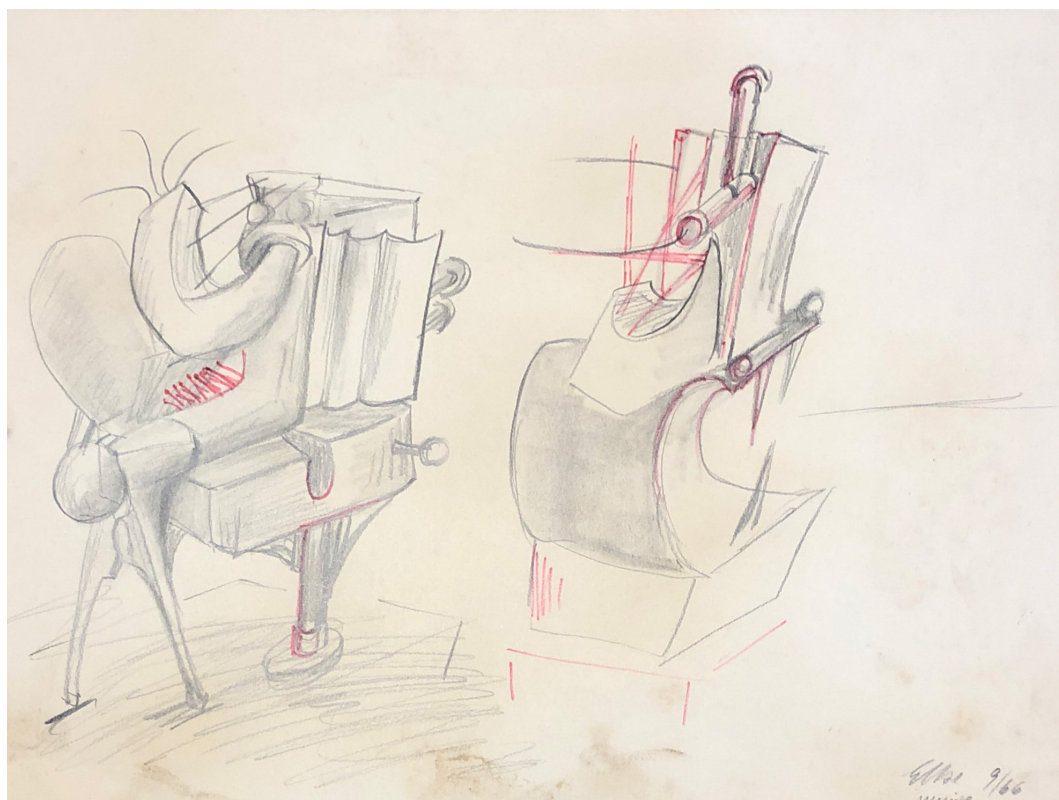
Sem Título, 1966. (Munique). **ELKE HERING**

Técnica mista sobre papel. 23,5 x 31 cm. Coleção Collaço Paulo



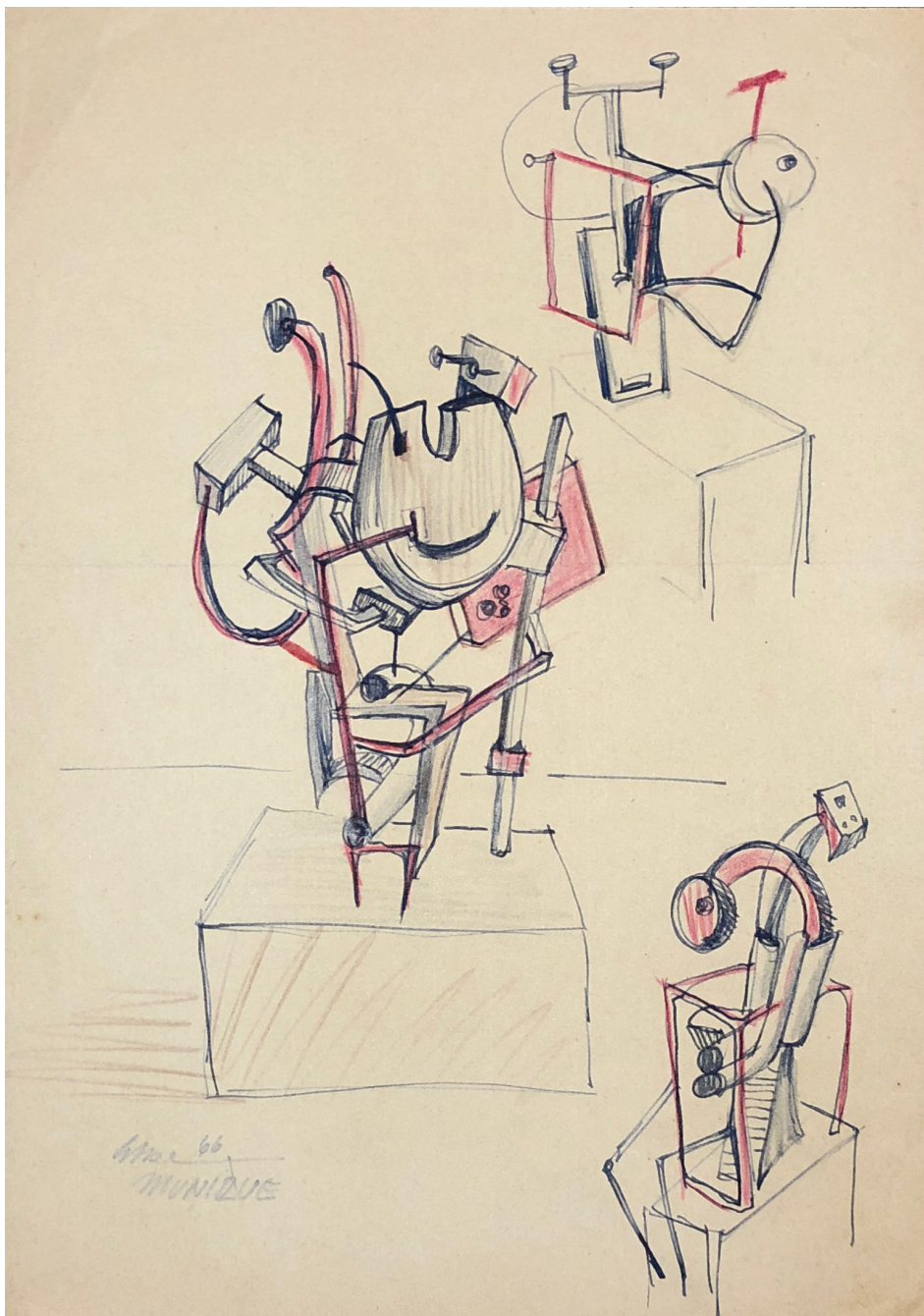
Sem Título, 1966. **ELKE HERING**

Técnica mista sobre papel. 31,5 x 23,4 cm. Coleção Collaço Paulo



Sem Título, 1966. (Munique). **ELKE HERING**

Grafite e lápis de cor sobre papel. 23,8 x 31,9 cm. Coleção Collaço Paulo



Sem Título, 1966. (Munique). **ELKE HERING**

Grafite, lápis de cor e esferográfica sobre papel. 29,5 x 21 cm. Coleção Collaço Paulo



Sem Título, 1966. **ELKE HERING**

Nanquim sobre papel seda. 25,5 x 30 cm. Coleção Collaço Paulo



Sem Título, 1966. (Berlim). **ELKE HERING**

Técnica mista sobre papel. 29,5 x 21,1 cm. Coleção Collaço Paulo



Sem Título, 1966. **ELKE HERING**

Aquarela, grafite e nanquim sobre papel. 23,9 x 15,8 cm. Coleção Collaço Paulo



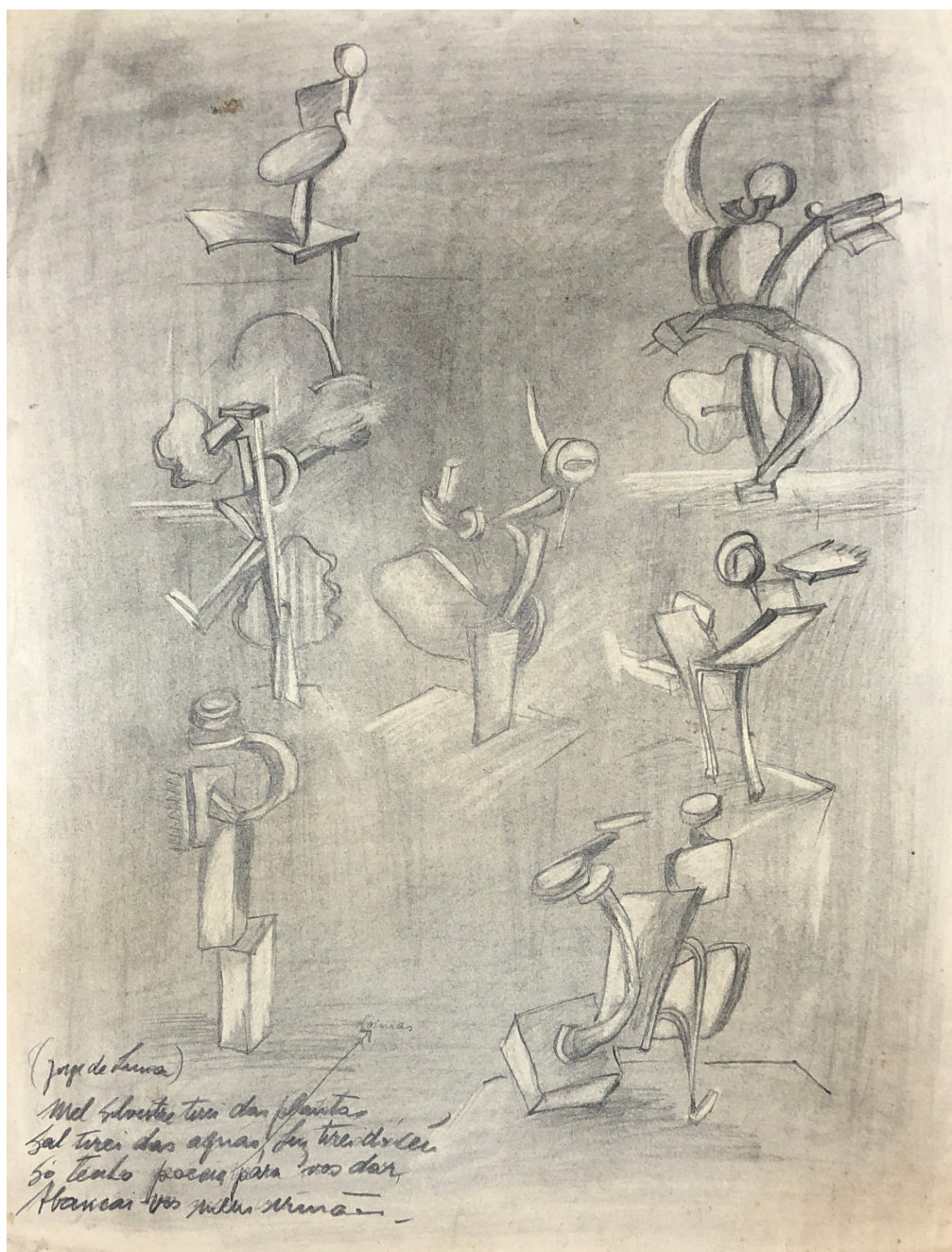
Sem Título, 1967. **ELKE HERING**

Técnica mista sobre papel. 29,7 x 17,6 cm. Coleção Collaço Paulo



Sem Título, 1967. **ELKE HERING**

Técnica mista sobre papel. 41,8 x 29,5 cm. Coleção Collaço Paulo



Sem Título, 1967. ELKE HERING

Grafite sobre papel. 40 x 29,9 cm. Coleção Collaço Paulo



Sem Título, déc. 1970. **ELKE HERING**

Acrílica sobre cartão. 30,4 x 43 cm. Coleção Collaço Paulo



Sem Título, déc. 1970. **ELKE HERING**

Técnica mista sobre cartão. 21 x 27,3 cm. Coleção Collaço Paulo



Sem Título, déc. 1970. **ELKE HERING**

Técnica mista sobre papel. 16,3 x 19,3 cm. Coleção Collaço Paulo



Sem Título, déc. 1970. **ELKE HERING**

Acrílica sobre tela. 59,5 x 99,5 cm. Coleção Collaço Paulo



Sem Título, 1971. **ELKE HERING**

Técnica mista sobre papel. 18,5 x 18,6 cm. Coleção Collaço Paulo



Sem Título, 1972. **ELKE HERING**

Acrílica sobre papel. 16,5 x 23 cm. Coleção Collaço Paulo



Tinteiro, 1972. **ELKE HERING**
Plavinil. Coleção 130 x 70 x 75 cm. Colção Paulo



Sem Título, 1974. **ELKE HERING**

Acrílica sobre cartão. 14,4 x 16,7 cm. Coleção Collaço Paulo



Sem Título, 1974. **ELKE HERING**

Acrílico sobre tela. 25,5 x 39,5 cm. Coleção Collaço Paulo



Sem Título, 1975. **ELKE HERING**

Acrílica sobre tela. 27 x 15 cm. Coleção Collaço Paulo



Semente, Série Floração, 1976. ELKE HERING
Madeira. 109,5 x 38 x 22 cm. Coleção Collaço Paulo

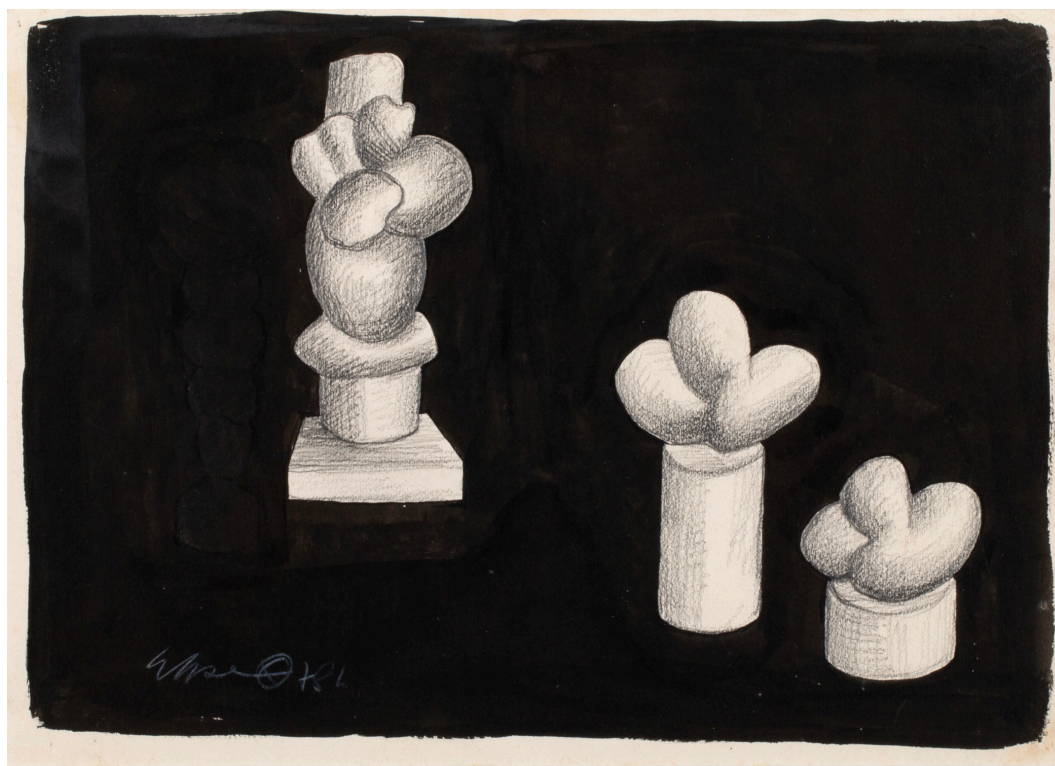


Sem Título, Série Floração, 1976. **ELKE HERING**
Madeira. 50 x 36 x 18 cm. Coleção Collaço Paulo



Sem Título, 1976. **ELKE HERING**

Esferográfica sobre papel. 21,8 x 16,3 cm. Coleção Collaço Paulo



Sem Título, 1978. **ELKE HERING**

Acrílica e grafite sobre cartão. 21 x 29,7 cm. Coleção Collaço Paulo



Casal, déc. 1980. **ELKE HERING**
Bronze. 47 x 39,8 x 20,8 cm. Coleção Collaço Paulo



Figura Deitada, déc. 1980. **ELKE HERING**
Bronze. 26,3 x 45 x 22 cm. Coleção Collaço Paulo

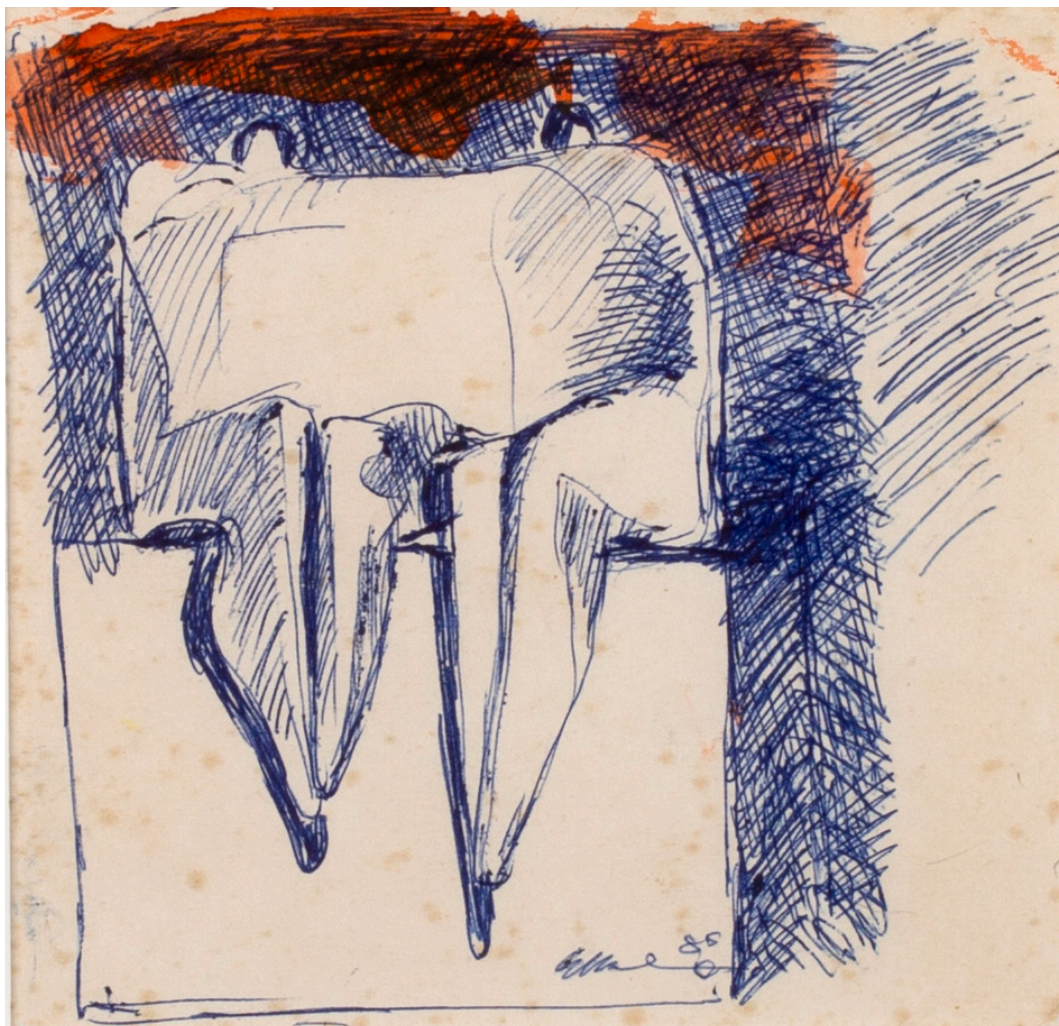


Sem Título, déc. 1980. **ELKE HERING**

Bronze com pátina verde. 18 x 58,5 x 20 cm. Coleção Collaço Paulo



Torso Masculino, déc. 1980. **ELKE HERING**
Bronze. 37,5 x 16 x 9 cm. Coleção Collaço Paulo



Sem Título, 1985. **ELKE HERING**

Esferográfica sobre papel. 11 x12 xm. Coleção Collaço Paulo



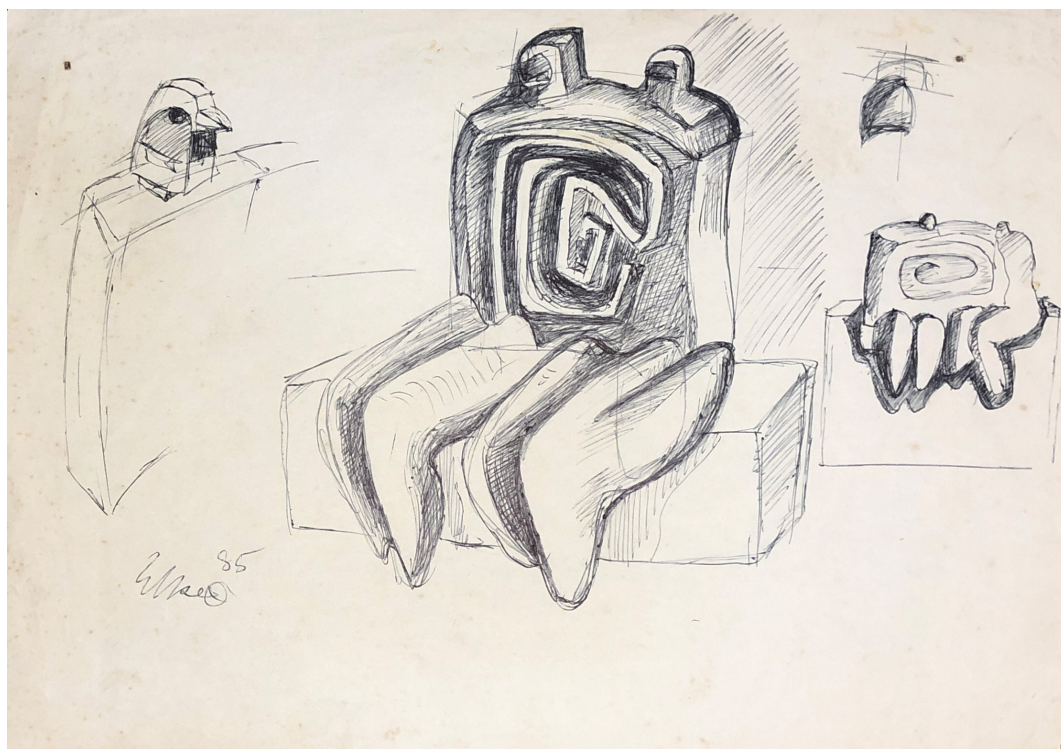
Casal, déc. 1980. **ELKE HERING**
Bronze. 26 x 20,2 x 12,3 cm. Coleção Collaço Paulo



Sem Título, déc. 1980. **ELKE HERING**
Bronze. 35 x 41,5 x 25,5 cm. Coleção Collaço Paulo



Labirinto, déc. 1980. **ELKE HERING**
Metal. 57 x 26 x 35 cm. Coleção Collaço Paulo

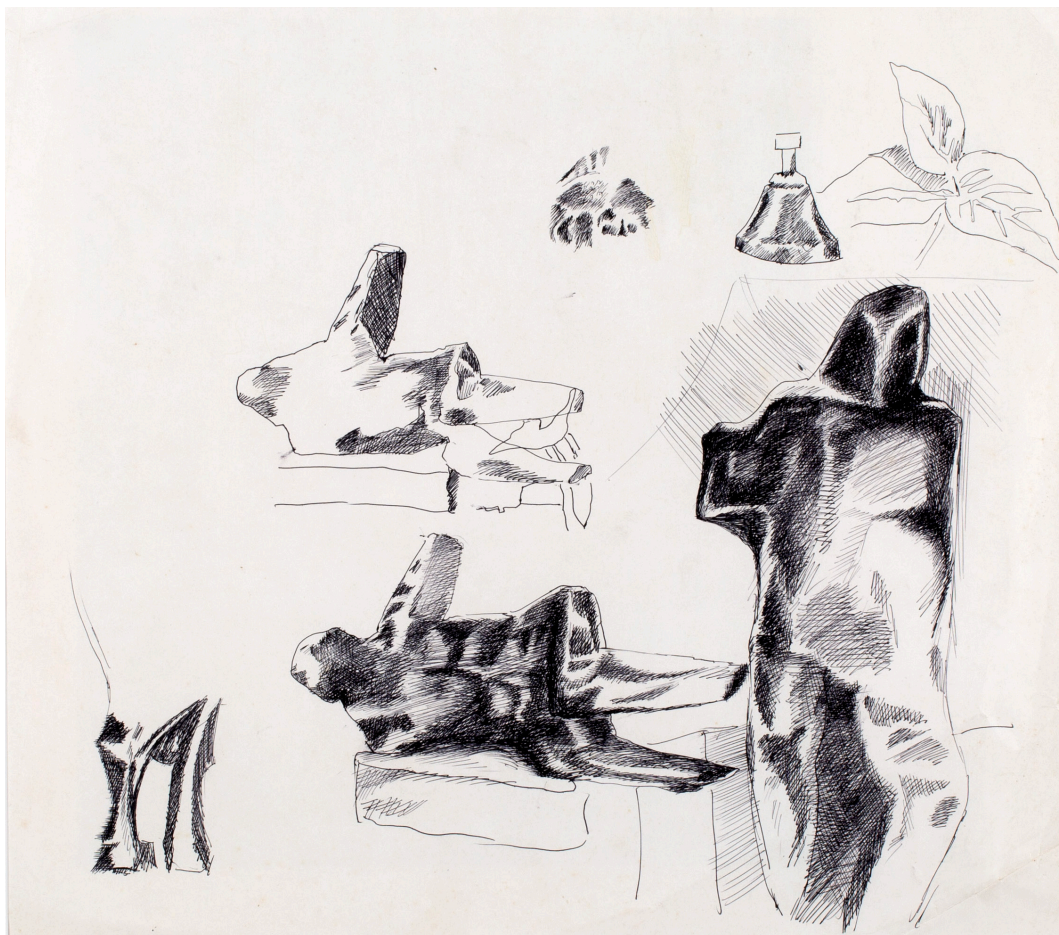


Sem Título, 1985. **ELKE HERING**

Esferográfica sobre papel. 21,7 x 31,4 cm. Coleção Collaço Paulo



Torso Fragmentado, déc. 1980. **ELKE HERING**
Bronze. 29 x 74 x 30,8 cm. Coleção Collaço Paulo



Sem Título, s.d. **ELKE HERING**

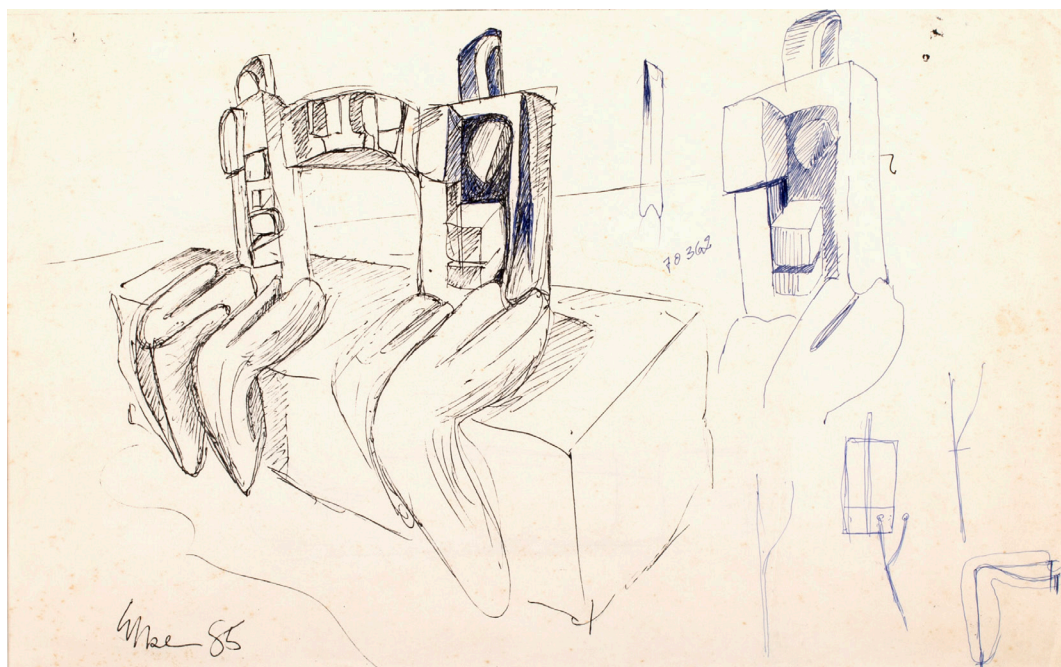
Grafite sobre papel. 43,5 x 46 cm. Coleção Collaço Paulo



Sem Título, déc. 1980. **ELKE HERING**
Bronze. 41 x 33,5 x 23 cm. Coleção Collaço Paulo

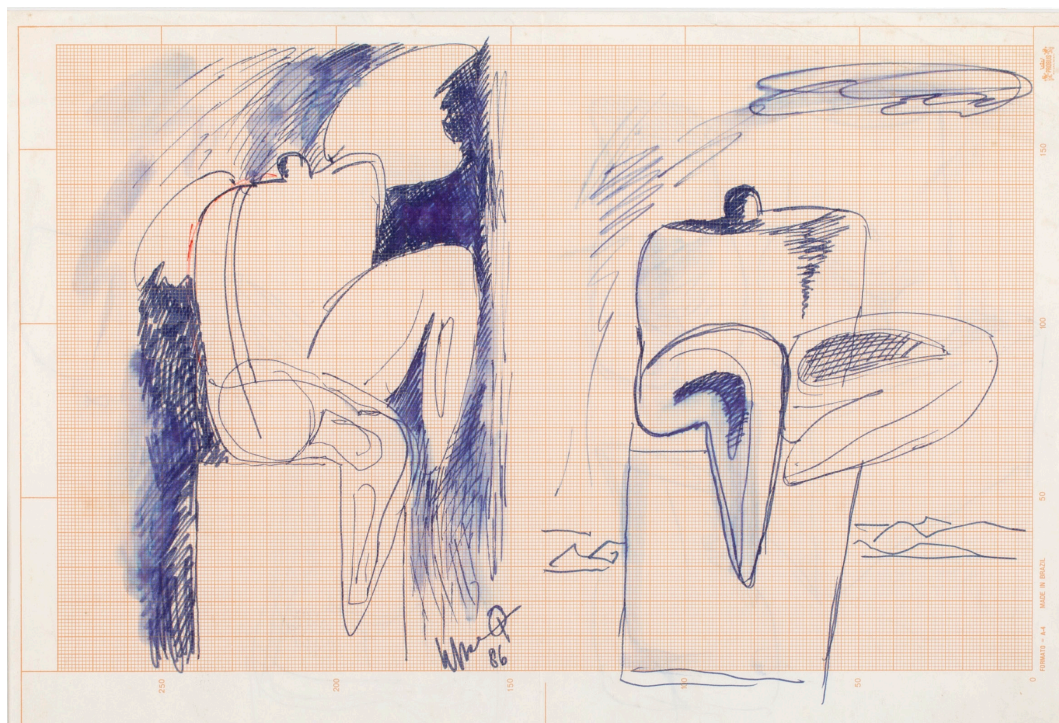


Sem Título, déc. 1980. **ELKE HERING**
Bronze. 41 x 33,5 x 23 cm. Coleção Collaço Paulo



Sem Título, 1985. **ELKE HERING**

Esferográfica sobre papel. 21,8 x 35,4 cm. Coleção Collaço Paulo



Sem Título, 1986. **ELKE HERING**

Esferográfica sobre papel. 22,3 x 31,4 cm. Coleção Collaço Paulo



Memória de uma Agressão, 1990. **ELKE HERING**

Esferográfica preta e hidrocor sobre cartão. 17,2 x 16,3 cm. Coleção Collaço Paulo



Sem Título, s.d. **ELKE HERING**

Técnica mista sobre papel. 33 x 41 cm. Coleção Collaço Paulo



Colete, déc. 1980. **ELKE HERING**

Bronze com pátina verde. 15,4 x 27 x 20,5 cm. Coleção Collaço Paulo



Colete Cobra, 1987. **ELKE HERING**

Bronze polido e com pátina verde. 33 x 60 x 10 cm. Coleção Collaço Paulo



Série Paloma, déc. 1980. **ELKE HERING**
Bronze polido. 38,2 x 33,7 x 9,5 cm. Coleção Collaço Paulo



Dorso Pequeno, déc. 1980. **ELKE HERING**

Bronze com pátina verde. 42,5 x 59 x 30,2 cm. Coleção Collaço Paulo



Série Tronco, déc. 1980. **ELKE HERING**

Bronze polido. 65 x 20 x 21,5 cm. Coleção Collaço Paulo



Série Tronco, déc. 1980. **ELKE HERING**

Bronze com pátina verde. 77 x 21 x 21 cm. Coleção Collaço Paulo



Série Tronco, 1987. **ELKE HERING**

Bronze e ferro. 87,5 x 30,5 x 29 cm. Coleção Collaço Paulo



Série Cristais, 1987/1993. **ELKE HERING**
17 x 12 x 13 cm. Coleção Collaço Paulo



Série Cristais, 1987/1993. **ELKE HERING**
12 x 22 x 9,5 cm. Coleção Collaço Paulo



Série Cristais, 1987/1993. **ELKE HERING**
13,1 x 8,6 x 7,5 cm. Coleção Collaço Paulo



Série Cristais, 1987/1993. **ELKE HERING**
11 x 20,5 x 10 cm. Coleção Collaço Paulo



Série Cristais, 1987/1993. **ELKE HERING**
18,5 x 13,5 x 16 cm. Coleção Collaço Paulo



Série Cristais, 1987/1993. **ELKE HERING**
10,7 x 11 x 10,5 cm. Coleção Collaço Paulo

Elke Hering

Blumenau, SC, 1940

Blumenau, SC, 1994

Escultora, pintora, desenhista e gravadora. Nasce e morre em Blumenau, cidade em que começa seus primeiros estudos artísticos em 1957. Entre 1958 e 1960, estuda na Academia de Belas Artes de Munique, Alemanha, onde tem como professor Anton Hiller (1893-1985) e recebe menção honrosa. Ao voltar para o Brasil decide, em 1962, estudar escultura em Salvador (BA), com Mário Cravo Jr. (1923-2013). Em 1965, conquista o primeiro prêmio de escultura, no 1º Salão Pró-Arte Nova de Blumenau e no Salão Paranaense de Belas Artes, Curitiba (PR). Em 1966, retorna a Munique.

Em 1970, com o marido, o poeta Lindolf Bell (1938-1998), funda a Galeria Açu-açu, espaço emblemático no campo da cultura da cidade e de Santa Catarina, porque

resulta como um ponto irradiador de produção de saber sobretudo nas artes visuais e na poesia, projetando novas carreiras artísticas. Elke deve ser pensada também como alguém que ativa inúmeros encontros, reflexões e debates que estimulam jovens criadores.

Em 1984, inaugura o Ateliê Elke Hering, lugar em que dá vazão ao seu refinado pensamento estético e estrutura uma carreira de êxito nacional e internacional. Participa dos mais importantes certames de artes visuais, em mostras individuais e coletivas, realizadas em São Paulo (SP), no Rio de Janeiro (RJ), Curitiba, entre outras cidades. Ao morrer, em 1994, deixa um valioso legado. Um expressivo volume de trabalhos – desenhos, pinturas e esculturas – hoje integra a Coleção Collaço Paulo.

ELKE HERING METAMORFOSES

De 20 de julho de 2023
a 2 de dezembro de 2023

O INSTITUTO

Diretor-presidente

Marcelo Collaço Paulo

Vice-presidente

Jeanine Gondin Paulo

Museóloga

Cristina Maria Dalla Nora

Curadora-chefe

Francine Goudel

Produção de conteúdo e comunicação

Néri Pedroso

Coordenadora do núcleo educativo

Joana Amarante

Estagiária do núcleo educativo

Ana Martins

Serviços gerais

Adriano Lessa

Recepção e atendimento ao público

Eduardo T. M. Costa

Júlia Bayer Heidmann

O CATÁLOGO

Coordenação editorial

Francine Goudel

Néri Pedroso

Textos

Marcelo Collaço Paulo

Rafaela Hering Bell

Denise Mattar

Projeto gráfico e edição de imagem

Lorena Galeri

Fotografia

Eduardo Marques

A EXPOSIÇÃO

Curadoria, expografia e textos

Denise Mattar

Assistente de curadoria

Felipe Barros Brito

Consultoria

Daiana Schwartz

Colaboração

Rafaela Hering Bell

Produção

Francine Goudel

Coordenação de acervo

Cristina Maria Dalla Nora

Montagem

Flávio Xanxa Brunetto

Material educativo

Joana Amarante

Ana Martins

Cenografia

Guilherme Isnard

Revisão e edição dos textos

Néri Pedroso

Material gráfico

Ana Lucas

Fotografia

Eduardo Marques

Acervo Rafaela Hering Bell

Realização

Instituto Collaço Paulo –

Centro de Arte e Educação

Apoio

Sesi

Apoio Cultural

Ibagy

Patrocínio

Prefeitura de Florianópolis por meio da Lei Municipal de Incentivo à Cultura (modalidade doação), Fundação Cultural de Florianópolis Franklin Cascaes

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Elke Hering metamorfoses [livro eletrônico] /organização Francine Goudel, Néri Pedroso ;
curadoria expografia e textos Denise Mattar ; consultoria Daiana Schwartz. -- Florianópolis,
SC : Instituto Collaço Paulo - Centro de Arte e Educação, 2024.

PDF

Vários colaboradores.

ISBN 978-65-980337-5-0

1. Artes plásticas - Exposições - Catálogos 2. Desenhos - Arte 3. Esculturas 4. Hering, Elke,
1940-1994 5. Pintura - Exposições
I. Goudel, Francine. II. Pedroso, Néri. III. Mattar, Denise. IV. Schwartz, Daiana.

24-215786

CDD-730

Índices para catálogo sistemático:

1. Artes plásticas : Exposições : Catálogos 730

Tábata Alves da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9253

Organização

Francine Goudel

Néri Pedroso

Realização



Apoio



Apoio cultural



Patrocínio



Projeto patrocinado pela Prefeitura de Florianópolis por meio da Lei Municipal de Incentivo à Cultura (modalidade doação), Fundação Cultural de Florianópolis Franklin Cascaes.

Florianópolis, 2024